

FEMININO(S).

VISUALIDADES, AÇÕES E AFETOS

O título desta bienal instala uma interrogação que remete à fricção central da cultura democrática contemporânea: a participação da sociedade desde o conceito de diferença entendida como multiplicidade e não como separação, tal como o expressou Denise Ferreira da Silva. Toma também como ponto de partida as perguntas que propôs a teórica-Nelly Richard em seu livro *Masculino / Femenino* (1993), feitas no contexto latino-americano das transições democráticas. As suas interrogações remetem ao lugar social do feminino, suas construções, suas incompatibilidades e o salto sobre as lógicas binárias excludentes. As perguntas têm plena vigência. Particularmente no momento em que o feminino retoma agendas não realizadas desde os anos sessenta, recupera os questionamentos dos noventa e amplia suas urgências como consequência das aumentadas violências contra as mulheres e os coletivos LGBTTTQ+; o aumento da pobreza e dos sistemas de exclusão e discriminação; a observação crítica e atenta dos programas que atacam os recursos naturais do planeta.

A bienal propõe elaborar um contrato sensível, uma zona de intercâmbios de visualidades, ações e afetos que permita confirmar a riqueza da vida democrática sem eludir sua complexidade.

Feminino(s) destaca a relevância da criatividade para friccionar limites e condicionamentos. Inspira-se, nesse sentido, em uma frase poética de Carolina Maria de Jesus, camponesa, poeta e cronista afro-brasileira, que abriu interstícios entre o trabalho e o cuidado de seus filhos para escrever. Ela escrevia na riqueza da favela e apesar das limitações impostas por violências raciais (pós)coloniais. Escrevia “Até passar a chuva”. As palavras e as imagens se depositaram em seus papéis desenhando territórios que apontam para uma liberdade possível. Porque a escrita explora os limites que as circunstâncias apontam sobre a linguagem. A essas condições da criação provavelmente aludia Clarice Lispector quando se referia à tarefa de sulcar impossibilidades: “Tudo o que sei não posso escrever”, escrevia, ao nomear o “luxo do silêncio”. Mais do que a

obviedade dos sentidos, deslocados em um tempo no qual se veem reduzidos a lugares comuns, em uma comunicação plana, o diagrama expositivo da bienal aponta para a leitura atenta de uma comunidade interpretativa capaz de abordar um tecido de sensibilidades e discursos que admitem o dissenso como mola da argumentação e da deliberação. Porque, sabemos, é necessário dizer, e explorar as diferentes maneiras de nomear para evitar as classificações uniformes.

Feminino(s) centra-se nas propostas de artistas mulheres e de todas as sensibilidades não binárias, fluidas, não normativas. Sobretudo aquelas que se expressam em sua oposição às mais diversas formas da violência. Trata-se de envolver-se com as aspirações das majorias a que muitas obras nos direcionam, e que compreendem artistas afrodescendentes e indígenas, cuja presença segue evocando reflexões críticas no mundo da arte, que, no entanto, é excludente. Trata-se de escutar em detalhe e abordar a sério tudo aquilo que os estereótipos marginalizam. Todas as vozes, desde sua heterogeneidade de respostas e propostas, constituem a cultura.

Feminino(s) expande-se com as propostas de artistas sócios ou aliados, que compartilham o desejo de uma ordem social menos opressiva e discriminatória em termos de gênero. São muitas as poéticas que inspiram o desenho de um novo horizonte simbólico e cultural em que as diferenças de gênero não se traduzam em desigualdades ou subalternidades. Todas as histórias necessitam ser relatadas e comunicadas para que as narrativas tornem-se plurais.

Feminino(s) enriquece-se com a criação daqueles que trabalham com materiais e técnicas tradicionalmente atribuídos às artes do feminino. Existe uma criatividade nas formas de conceber o comum desde experiências de vida e relatos cotidianos que devem ser escutadas como vozes de uma diversidade sem diferenças. As experiências que expandem a expressão da comunidade contribuem para a conversa, o intercâmbio e a necessária reconstrução de uma trama social ferida pelo abuso e a precariedade. Essa interação gera intercâmbios a partir dos quais podemos imaginar outras formas de conhecimento. Todas as linguagens nos pertencem sem hierarquias de valor nem segregação de conteúdos.

Feminino(s) aspira a compartilhar o exercício coletivo de inventar novas formas de fazer, dizer, pensar e criar. Uma plataforma que atue como um foro e como um coro de expressões e escutas. Quer funcionar como um espaço que mude a estrutura tradicionalmente excludente das representações simbólicas e culturais que regem o mundo da arte. A dimensão educativa é central para criar territórios de intercâmbios, debates e encontros entre os diferentes públicos que criarão suas próprias bienais. A bienal propõe-se como um espaço de celebração coletiva do pensar e criar juntos para enfrentar com imaginação crítica os desafios de fortalecer um pacto democrático que amplie e diversifique os contornos da cidadania.

Andrea Giunta

Curadora

Bienal 12, Porto Alegre

Bios

ENGLISH

Dorota Biczal (Poland/USA) holds a PhD from the University of Texas at Austin and currently serves as Visiting Assistant Professor in Art History at the University of Houston. Her research, writing, and curatorial projects focus on contemporary Latin American art seen in the global context, particularly at the intersections of material experimentation, social practice, and politics. She has published articles and essays in academic journals such as *Caiana*, *Buildings & Landscapes*, *Art Journal*, *ARARA*, and *alter/nativas*, and in exhibition catalogs. She curated *Moving Mountains: Extractive Landscapes of Peru* at UT's Visual Arts Center (2016) and co-curated *Teresa Burga's Chronology: Reports, Diagrams, Intervals* (2011, Württembergischer Kunstverein Stuttgart), among other projects.

PORTUGUÊS

Dorota Biczal (Polônia/EUA) é PhD pela Universidade do Texas em Austin e atualmente atua como professor assistente visitante em História da Arte na Universidade de Houston. Seus projetos de pesquisa, redação e curadoria concentram-se na arte latino-americana contemporânea vista no contexto global, particularmente nas interseções de experimentação material, prática social e política. Publicou artigos e ensaios em revistas acadêmicas como *Caiana*, *Buildings & Landscapes*, *Art Journal*, *ARARA* e *alter / nativas* e em catálogos de exposições. Foi curadora de *Moving Mountains: Extractive Landscapes of Peru*, no Centro de Artes Visuais da Universidade do Texas (2016), e cocuradora de cronologia de *Teresa Burga's Chronology: Reports, Diagrams, Intervals* (2011, Württembergischer Kunstverein Stuttgart), entre outros projetos.

ENGLISH

Andrea Giunta is a writer, curator, and professor at Universidad de Buenos Aires, where she received her PhD. She is Principal Researcher at CONICET, Argentina, and visiting scholar at the University of Texas at Austin. She is the author of several books on Latin American art, including *Avant-garde, Internationalism and Politics: Argentine*

Art in the Sixties (Durham: Duke University Press, 2007). In 2018, she published *Feminismo y arte latinoamericano: Historias de artistas que emanciparon el cuerpo* (Buenos Aires: Siglo XXI, 2018, forthcoming by the University of California Press). She was a co-curator of *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985* (2017–2018, Hammer Museum, Los Angeles, Brooklyn Museum, New York, and Pinacoteca de São Paulo).

PORTUGUÊS

Andrea Giunta é escritora, curadora e professora da Universidade de Buenos Aires, onde obteve seu doutorado. Ela é pesquisadora principal do CONICET, Argentina, e pesquisadora visitante da Universidade do Texas em Austin. É autora de vários livros sobre arte latino-americana, incluindo *Avant-garde, Internationalism and Politics: Argentine Art in the Sixties* (Durham: Duke University Press, 2007). Em 2018, ela publicou *Feminismo y arte latinoamericano: Historias de artistas que emanciparon el cuerpo* (Buenos Aires: Siglo XXI, 2018, a ser publicado pela University of California Press). Foi cocuradora de *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985* (2017–2018, Hammer Museum, em Los Angeles, Brooklyn Museum, em Nova York, e Pinacoteca de São Paulo).

PORTUGUÊS

Igor Simões é doutor em Artes Visuais-História, Teoria e crítica da Arte-PPGAV-UFRGS. Professor adjunto de História, Teoria e Crítica da arte e Metodologia e Prática do ensino da arte (UERGS). Membro do comitê de curadoria da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas-ANPAP, Membro do Núcleo Educativo UERGS-MARGS. Membro do comitê de acervo do Museu de Arte do RS-MARGS. Trabalha com as articulações entre exposição, montagem filmica, histórias da arte e racialização na arte brasileira e visibilidade de sujeitos negros nas artes visuais. Autor da tese *Montagem Filmica e Exposição: Vozes Negras no Cubo Branco da Arte Brasileira*. Membro do Flume-Grupo de Pesquisa em Educação e Artes Visuais.

ENGLISH

Fabiana Lopes is a New York and São Paulo-based Independent Curator, writer and a Ph.D. candidate in Performance Studies at New York University, where she is a Corrigan Doctoral Fellow. Her research centers on the contemporary production of artists of the African diaspora in Brazil and in the Americas. Her writings have appeared in Harper's Bazaar Art, O Menelick 2o Ato, ARTE!Brasileiros, Contemporary And (C&) and in exhibition catalogues such as *Rosana Paulino: The Sewing of Memory*, Pinacoteca, São Paulo (2018), *Lucia Laguna: Neighborhood*, MASP, São Paulo (2018), *Of Darkness and Of Light*, Minnette Vári, Johannesburg (2016), *Territories: Artists of African Descent at Pinacoteca's Collection*, Pinacoteca, São Paulo (2015).

PORTUGUÊS

Fabiana Lopes é curadora independente radicada em Nova York e São Paulo e doutoranda em Estudos de Performance pela New York University, onde é uma Corrigan Doctoral Fellow. Sua pesquisa está centrada na produção contemporânea de artistas da diáspora africana no Brasil e nas Américas. Seus textos foram publicados na Harper's Bazaar Art, O Menelick 2o Ato, ARTE!Brasileiros, Contemporary And (C&) e em catálogos de exposições, entre os quais *Rosana Paulino: Costura da Memória*, Pinacoteca, São Paulo (2018), *Lucia Laguna: Vizinhança*, MASP, São Paulo (2018), *Of Darkness and of Light*, Minnette Vári, Johannesburgo (2016), e *Territórios: Artistas Afrodescendentes no Acervo da Pinacoteca*, Pinacoteca, São Paulo (2015).